

CARAMBAIA

Ann Petry

A rua

Um romance

ilimitada

Posfácio
TAYARI JONES

Tradução
CECÍLIA FLORESTA

*Para minha mãe
Bertha James Lane*

Um vento frio de novembro soprava na 116th Street. A corrente sacolejava as tampas das latas de lixo e sugava pelas janelas abertas as persianas, que batiam contra as janelas; esse vento espantou grande parte das pessoas da rua na quadra entre as Seventh e Eighth Avenues, a não ser por alguns pedestres apressados que se curvavam num esforço de expor a menor superfície possível ao seu assalto violento.

O vento encontrava tudo quanto era pedaço de papel na rua — panfletos de teatro, anúncios de bailes e reuniões de fraternidade, o papel-manteiga grosso que um dia embalou pães de fôrma, o mais fino que envolveu sanduíches, envelopes velhos, jornais. Dedilhando seu caminho pelo meio-fio, o vento fazia os pedaços de papel dançarem alto no ar, numa saraivada que rodopiava no rosto das pessoas na rua, ocupando-se até mesmo em se precipitar por soleiras de portas e pelos vãos entre os prédios, encontrando ossos de galinha e restos de costeletas de porco para empurrá-los pelo meio-fio.

O vento fez o que pôde para desencorajar as pessoas a andarem pela rua. Encontrou toda a sujeira, a poeira e a fuligem na calçada e as ergueu, de forma que a sujeira entrava no nariz delas, dificultando a respiração; a poeira caía nos olhos e cegava; a areia pinicava a pele. O vento enrolava jornais em seus pés, emaranhando-os, até que as pessoas praguejavam do fundo da garganta, batiam os pés e chutavam o jornal. O vento trazia o jornal de volta uma e outra vez, até elas se verem forçadas a parar e se livrar do papel com as mãos. E então o vento agarrava chapéus, arrancava cachecóis do pescoço, enterrava os dedos na gola dos casacos e soprava os casacos para longe do corpo.

O vento levantou os cabelos de Lutie Johnson, descobrindo sua nuca, de maneira que ela de repente se sentiu nua e careca, pois antes os fios repousavam suaves e cálidos em sua pele. Ela tremeu quando os dedos gelados do vento tocaram sua nuca, exploraram as têmporas. O vento soprou até mesmo os cílios dela, de forma que seus olhos foram banhados por uma corrente fria, e Lutie teve de piscar para conseguir ler as palavras na placa que balançava para a frente e para trás acima de sua cabeça.

Sempre que ela pensava ter focado a placa, o vento a tirava de vista, então Lutie não sabia se ela anunciava três ou dois cômodos. Se fossem três, ora, ela entraria e pediria para ver, mas se fossem dois – bom, então não valia a pena. Mesmo com o vento girando a placa, Lutie pôde ver que ela estava ali fazia muito tempo, pois a camada original de tinta branca fora manchada pela ferrugem nos pontos em que os anos de chuva e neve acabaram devorando a tinta até o metal, que enferrujou lentamente, formando uma mancha vermelha e escura como sangue.

Eram três cômodos. O vento manteve a placa imóvel e virada para ela por um momento, e então a golpeou até posicioná-la num ângulo impossível na vara que a suspendia presa ao prédio. Ela leu rapidamente. Três cômodos, aquecimento a vapor, piso de taco, inquilinos respeitáveis. Bom preço.

Ela olhou para a fachada do prédio. Piso de taco aqui queria dizer que a madeira era tão velha e esbranquiçada que nenhuma quantidade de verniz ou goma-laca esconderia as marcas e os riscos antigos, os anos de móveis arrastados pelo chão, as marteladas do tempo, crianças, bêbados, mulheres porcas e desleixadas. Aquecimento a vapor queria dizer um barulho estridente e ressonante vindo dos aquecedores bem cedo de manhã, e então um chiado que perduraria o dia inteiro.

Inquilinos respeitáveis, nesses prédios onde pessoas de cor¹

1 A expressão *colored people* foi empregada por pessoas negras nos Estados Unidos desde o início do século XIX, sendo repensada e rediscutida por pensadores e militantes ao longo dos anos. O mesmo ocorreu no Brasil, onde, do século XIX até o início da retomada do termo “negro” na década de 1930 por diversos grupos e indivíduos, a expressão “pessoas de cor” também foi utilizada pela militância como forma de minar outros termos entendidos como depreciativos. [TODAS AS NOTAS SÃO DA TRADUTORA.]

tinham permissão de morar, incluía qualquer um que pudesse pagar o aluguel, então alguns deles seriam bêbados, intrometidos e encrenqueiros; dados a acessos de depressão, quando xingariam e gritariam com violência, e dados a acessos de júbilo igualmente violentos. E, ela pensou, uma vez que as paredes seriam finas, ora, as pessoas boas, as pessoas ruins, as crianças, os cachorros e seus cheiros desagradáveis seriam embalados todos juntos em um grande pacote – o pacote que chamavam de inquilinos respeitáveis.

O vento se intrometeu no casquete vermelho em sua cabeça e, como que zangado por não ter conseguido soltá-lo daquele firme ancoradouro de grampos, soprou uma grande nuvem de poeira, cinzas e pedaços de papel em seu rosto, nos olhos, no nariz. O vento golpeou as orelhas dela como se estivesse lhe oferecendo um derradeiro e exasperado sopro, uma prova de seu descontentamento por não ser capaz de fazê-la sair dali.

Lutie firmou o corpo contra o ataque do vento, determinada a concluir suas considerações sobre o apartamento antes de ir em frente e dar uma olhada no lugar. Bom preço – isso poderia significar quase qualquer coisa. Na Eighth Avenue, significava cortiços – lugares medonhos inapropriados para seres humanos. Na St. Nicholas Avenue, significava aluguéis caros por apartamentos minúsculos; e na Seventh Avenue significava apartamentos enormes onde você teria de arranjar inquilinos para conseguir pagar o aluguel. Nesta rua, poderia significar quase qualquer coisa.

Ela se virou e encarou o vento para avaliar a rua. Os prédios eram velhos e tinham janelas pequenas como fendas, o que significava que os cômodos eram pequenos e escuros. Numa rua com uma localização dessas, a luz do sol não devia entrar nos apartamentos. Nunca. Faria um calor dos infernos no verão e frio no inverno. “Bom preço” aqui nesta rua escura e cheia de gente deveria ser algo em torno de 28 dólares, desde que o apartamento ficasse num andar alto.

Os corredores deviam ser escuros e estreitos. Então Lutie deu de ombros, pois conseguir um apartamento onde ela e Bub pudessem viver sozinhos tinha mais importância que corredores escuros. O que realmente importava era se livrar de seu pai

e daquelas suas mulheres mal-educadas, e qualquer coisa era melhor que aquilo. Corredores escuros, escadas sujas, até baratas nas paredes. Qualquer coisa. Qualquer coisa. Qualquer coisa.

Qualquer coisa? Bem, quase qualquer coisa. Então ela se virou para a entrada do prédio e, enquanto se virava, ouviu alguém limpando a garganta. Um som muito distinto – como se em duas notas, a primeira alta e então uma bufada rouca em uma nota mais baixa – que lhe chegou muito claramente aos ouvidos por baixo do barulho do vento chacoalhando as latas de lixo e estapeando as cortinas. Foi como se alguém tivesse dito “olá”, e ela olhou para a janela lá em cima.

Uma luz fraca vinha de algum lugar no cômodo para o qual olhava, e a silhueta enorme de uma mulher aparecia recortada contra a luz. Ela apertou os olhos para ver melhor. A mulher era muito preta, tinha um lenço atado bem firme à cabeça, e Lutie viu, com alguma surpresa, que a janela estava aberta. Começou a se perguntar como a mulher conseguia ficar sentada perto de uma janela aberta em uma noite fria e tempestuosa como aquela. E ela não usava um casaco, mas um vestido de algodão largo – ou pelo menos devia ser de algodão, ela pensou, pois tinha uma aparência desengonçada –, grosso e amassado.

“É um bom lugar, querida. Toca a campainha do zelador e ele te mostra.”

A voz da mulher era sonora. Agradável. Ainda assim, quanto mais Lutie olhava para ela, menos gostava dela. Não porque a mulher tivesse ficado ali o tempo todo encarando-a, lendo seus pensamentos, desprezando-a em seu íntimo, pois isso era apenas irritante. Mas era compreensível. Ela provavelmente não tinha mais nada para fazer; talvez fosse doente e o único prazer que encontrava na vida era assistir ao que acontecia na rua além de sua janela. Não era isso. Eram os olhos da mulher. Tão parados e malignos como os olhos de uma cobra. Lutie podia vê-los claramente – olhos vazios que a encaravam – vagando pelo seu corpo, inspecionando e avaliando-a da cabeça aos pés.

“Toca a campainha do zelador, querida”, a mulher repetiu.

Lutie se virou para a entrada do prédio sem responder, pensando nos olhos da mulher. Empurrou a porta, entrou e ficou ali balançando a cabeça. O hall era escuro. A lâmpada de baixa

voltagem no teto irradiava luz apenas suficiente para você não cair em cima de... bem, um piano que alguém largou sem cuidado ao pé da escada; e para poder ver os contornos de... oh, possivelmente um elefante que teria sido arrastado da rua por algum inquilino empreendedor.

De qualquer forma, se alguém deixasse cair uma moeda, Lutie pensou, teria de se abaixar apoiando os joelhos e as mãos no chão e se arrastar pelo ladrilho rachado se quisesse ter alguma esperança de encontrá-la. E ela estava errada sobre a impressão de ter visto um elefante ou um piano, porque a entrada do prédio não era grande o suficiente para permitir que nada disso passasse. A escada subia a pique – degraus escuros, altos e estreitos. Olhou fascinada para a escada. Ao subir degraus como aqueles, chegava-se provavelmente a uma espécie de novo inferno, ainda mais intrincado, complexo e aperfeiçoado. No alto, bem lá no alto.

Lutie se inclinou para ver os nomes nas caixas de correio. Henry Lincoln Johnson morou ali também, como em todos os outros prédios que visitou. Ele ou seu irmão de sangue. Os Johnson e os Jackson eram muitíssimo prolíficos. Então ela abriu um sorriso, pensando, Quem sou eu para falar, pois também faço parte dessa grande tribo, essa imensa tribo dos Johnson. As etiquetas revelaram que os Johnson tinham inquilinos – Smith, Roach, Anderson – caramba! e até Rosenberg. A maioria dos nomes tinha sido pintada numa caligrafia desleixada nas caixas de correio – com letras grandes e grossas em alguns casos. Outros foram escritos a lápis; alguns foram grafados em letras irregulares e desalinhadas, onde os nomes haviam sido riscados e substituídos por outros.

Havia apenas dois apartamentos no térreo. E se o zelador não morava no porão, ora, então ele devia morar no térreo. E lá estava escrito: 1A. O 1A devia ser o apartamento mais escuro, menor e mais difícil de alugar, e o senhorio deve ter ficado muito orgulhoso por ter dado um apartamento no térreo para o zelador.

Ela ficou ali parada pensando que era realmente uma pena eles não poderem dar um jeito de alugar os corredores também. Camas de solteiro. Não. Algumas camas de campanha usadas serviriam. Daria muito mais dinheiro. Se ela fosse um senhorio, alugaria os corredores. Seria muito mais divertido para os

inquilinos. O sr. Jones e a esposa poderiam ter as camas número 1 e 2; Jackson e a namorada poderiam ocupar a de número 3. E Rinaldi, que dirige um táxi à noite, poderia sublocar a cama ocupada por Jackson e a namorada.

Ela ocuparia todas as camas – fileiras e mais fileiras de camas. E quando os inquilinos dos apartamentos chegassem à noite, eles ainda teriam o prazer de dar uma espiada em seus ocupantes. Jackson não teria chegado em casa, mas a namorada estaria deitada sozinha na cama – toda enrolada. Uma segunda olhada, pois a falta de luz não forneceria todos os detalhes, revelaria – meu Deus, ora, o que Rinaldi está fazendo em casa à noite? E vejam se ele não está bem confortável, metido na cama de Jackson com a namorada de Jackson. Não admira que ela pareça contente. E os inquilinos dos apartamentos ficariam sentados na escada como se o corredor fosse um teatro e a apresentação estivesse prestes a começar – ficariam ali sentados esperando até Jackson voltar para ver o que ele faria quando encontrasse Rinaldi metido em sua cama com sua namorada. Rinaldi poderia explicar que pensou que a cama estava ali para ele dormir, e se houvesse cobertores na cama, será que ele também não dormiria embaixo dos cobertores? E se houvesse uma namorada na cama, por que ele não deveria dormir com a namorada também?

Em vez de rir, Lutie se pegou suspirando. Então lhe ocorreu que, se havia apenas dois apartamentos no térreo e o zelador ocupava um deles, então a moradora do outro apartamento devia ser a mulher dos olhos de cobra. Ela leu os nomes nas caixas de correio. Sim. Uma tal de sra. Hedges morava no 1B. O nome estava impresso num cartão – um cartão com uma aparência muito profissional. Era obviamente uma mulher extraordinária com seu lenço na cabeça e sua voz doce, doce. Talvez ela fosse uma encantadora de cobras e ficasse ali sentada em sua janela para encantar as cobras, os lobos, as raposas e os ursos que andavam à caça, galopando e rastejando pela selva da 116th Street.

Lutie estendeu o braço e tocou a campainha do zelador. Ouviu-se um som estridente que ecoou e reverberou dentro do apartamento, voltando para o corredor. Imediatamente, um cachorro deu início a um latido furioso que se aproximava mais e mais conforme ele corria em direção à porta. Então o peso de

seu corpo bateu contra a porta e Lutie recuou enquanto o animal se debatia ali. Uma e outra vez, até que a porta começou a tremer com o impacto do peso dele. Havia o som horrendo de seu focinho farejando o ar, tentando captar o cheiro dela. E então o peso do cachorro foi arremessado contra a porta mais uma vez. Ela recuou, indo em direção à porta da rua, e parou ali com a mão na maçaneta. Então ouviu passos pesados, o som da voz de um homem ameaçando o cachorro, e voltou para o apartamento.

Ela soube na hora, pelo macacão azul desbotado, que o homem que abriu a porta era o zelador. O ar quente e fétido do apartamento atrás dele escapou para o corredor. Ela pôde ouvir o som baixo do vapor assobiando nos aquecedores. Então o cachorro tentou passar em disparada pelo homem, que o chutou para dentro do apartamento. Chutou seu flanco até que o animal se afastou dele todo encolhido com o rabo entre as pernas. Ela ouviu o cachorro ganindo do fundo da garganta e então os sussurros de uma mulher – uma voz murmurada falando com o cachorro.

“Vim perguntar sobre o apartamento – o apartamento de três cômodos que está vago”, ela disse.

“Fica no último andar. Quer dar uma olhada?”

A luz do corredor era fraca. Fraca como a luz do apartamento da sra. Hedges. Lutie apertou um pouco mais o casaco contra o corpo. Que luz ruim, ela pensou. De alguma forma, os olhos do homem eram piores que os olhos da mulher sentada à janela. E ela disse a si mesma que era porque estava muito cansada; era por isso que estava vendo coisas, criando umas belas imagens nos olhos das pessoas.

O zelador era um homem alto e abatido, e endireitou o corpo no vão da porta, olhando para ela. Isso não é luz ruim, ela pensou. Não é minha imaginação. Porque, depois de seu primeiro olhar rápido e furtivo, os olhos dele se encheram de uma fome tão urgente que no mesmo instante ela sentiu medo dele e ficou com medo de demonstrar.

Mas o apartamento – ela queria o apartamento? Não neste lugar onde ele era o zelador; não neste lugar onde a sra. Hedges morava. Não. Ela não queria ver o apartamento – os três cômodos escuros e sujos que chamavam de apartamento. Então

pensou no lugar onde vivia agora. Aqueles sete cômodos onde seu pai vivia com Lil, sua namorada. Um lugar cheio de inquilinos. Um lugar transbordando Lil.

Lá, parecia não haver nenhuma parte que não fosse repleta de Lil. Ela estava sempre engolindo café na cozinha; arrastando-se por todos os sete cômodos em roupões que não se fechavam muito bem em seus seios exuberantes e soltos; bebendo cerveja em copos altos e deixando os copos na pia da cozinha, de forma que a espuma secava em uma crosta ao redor da borda – o vermelho-escuro de seu batom enfatizando a crosta; à toa na enorme cama que dividia com seu pai e Deus sabe com quem mais; bebendo gim com os inquilinos até tarde da noite.

E o que era muito mais apavorante: dando bebida a Bub às escondidas; pedindo a Bub que acendesse cigarros para ela. Bub com 8 anos de idade soltando fumaça pela boca.

Certa noite, Lutie deu um tapa tão forte nele que Lil se afastou toda chateada; seu roupão revelando ainda mais a curva volumosa dos seios. “Jesus!”, ela disse. “Dá pra deixar ele surdo desse jeito. Qual é o seu problema?”

Mas ela queria ver o apartamento? Noite após noite Lutie voltava para casa depois do trabalho e saía logo depois de jantar para dar uma espiada nas placas dos prédios da vizinhança, procurando por um lugar espaçoso o bastante para ela e Bub. Um lugar cujo aluguel fosse baixo o suficiente para que ela não voltasse uma noite qualquer do trabalho e encontrasse uma longa folha branca de papel embaixo da porta: “As dependências devem ser desocupadas até...”, mais conhecida como nota de despejo. Era sair em cinco dias ou ser jogada para fora. Ficar ali parada vendo sua mobília sendo empilhada na calçada. Se é que dava para chamar aquelas camas quebradas com as molas gastas, as poltronas velhas com o estofado saindo por baixo, uma mesa com o tampo de porcelana lascado, as cadeiras frágeis com os apoios de pé quebrados – se é que dava para chamar essas coisas de mobília. Este era um ponto importante – seria possível chamar aquela porcelana rachada da loja de variedades, as facas, os garfos e as colheres de cabo vermelho, tortos e caindo aos pedaços, seria realmente possível chamar tudo aquilo de utensílios?

“Sim”, ela disse firme. “Quero ver o apartamento.”

“Vou pegar uma lanterna”, o homem disse e voltou para dentro do apartamento, fechando atrás de si a porta, que fez um som suave e aspirado. Ele acrescentou alguma coisa, mas Lutie não conseguiu ouvir o que era. A voz sussurrada dentro do apartamento parou e o cachorro ficou quieto de repente.

Então ele voltou, fechando atrás de si a porta, que fez o mesmo som suave e aspirado. O homem levava uma lanterna comprida e preta na mão. E ela subiu as escadas na frente, pensando que o cabo da lanterna era quase tão preto quanto as mãos dele. A lanterna era de um preto reluzente – suave, brilhava fracamente à luz que se refletia no cabo –, enquanto a mão que a segurava era carne – uma carne macilenta, marcada, surrada – sem nenhuma suavidade. Os nós dos dedos eram calombos que despontavam sob a pele, pedaços de carvão tirados das cinzas.

E aparentemente não por usar um esfregão ou uma vassoura, pois, enquanto subia e subia os lances íngremes, ela viu que os degraus eram imundos, cheios de papel usado, bitucas de cigarro, embalagens de pacotes de rapé descartadas, canhotos rosados de ingressos de cinema. Nos patamares, havia garrafas vazias de gim e uísque.

Lutie parou de olhar para os degraus, parou de espiar os cantos dos longos corredores, pois fazia frio e ela começou a andar mais rápido, tentando se manter aquecida. Quando completaram um lance, eles se viraram para subir mais um andar e começaram a subir outro lance, então ela percebeu que o frio aumentava. Quanto mais subiam, mais frio ficava. E no verão, ela supôs, ficaria cada vez mais quente conforme se subia até que, chegando ao último andar, estaria completamente sem fôlego.

Os corredores eram tão estreitos que ela podia tocar ambos os lados sem ter de esticar os braços. Quando chegaram ao quarto andar, Lutie pensou que não era ela quem estava tentando tocar as paredes, mas as paredes é que tentavam tocá-la – curvando-se e balançando-se em sua direção, um esforço de envolvê-la. Os passos do zelador atrás dela eram lentos, regulares, firmes. Ela começou a subir um pouco mais rápido, e aparentemente sem se apressar, sem nem mesmo apertar o passo, ele manteve a distância atrás dela. Na verdade, os passos pesados dele estavam um pouco mais próximos que antes.

Lutie começou a se perguntar como é que acabou subindo as escadas na frente. Por que ela estava abrindo o caminho? Isso estava errado. Era ele quem conhecia o lugar, que vivia ali. Ele devia ter subido primeiro. Como é que ele a fez subir as escadas na frente? Lutie queria se virar e ver a expressão do zelador, mas ela sabia que, caso se virasse na escada desse jeito, seu rosto ficaria na altura do rosto dele; e ela não queria ficar assim tão perto do homem.

Ela não precisava se virar, de qualquer forma; ele estava olhando fixamente para as costas dela, as pernas, as coxas. Lutie podia sentir os olhos dele passeando por seu corpo – avaliando, medindo, imaginando coisas sobre ela. Quando venceu o último lance, Lutie se deu conta de que a pele de suas costas estava arrepiada de medo. Medo de quê?, ela se perguntou. Medo dele, medo do escuro, dos cheiros nos corredores, dos degraus íngremes, de você mesma? Ela não sabia, e mesmo quando admitiu que não sabia, sentiu o suor brotando de suas axilas, umedecendo-lhe a testa, irrompendo em gotas no nariz.

O apartamento ficava nos fundos do prédio. O zelador pegou outra lanterna no bolso e entregou a ela antes de se curvar para destrancar a porta silenciosamente. E Lutie pensou que tudo o que ele fazia, fazia em silêncio.

Ela lançou a luz da lanterna nas paredes. Os cômodos eram pequenos. Não havia janela no quarto. Pelo menos ela supôs que fosse o quarto. Lutie foi em frente para dar uma olhada e entrou no cômodo para ver melhor. Não havia janela – apenas um duto de ventilação, e bem estreito. Lutie olhou ao redor do quarto, pensando que, quando houvesse uma cama e uma cômoda, mal haveria espaço suficiente para andar ali. E, assim, ela provavelmente bateria os joelhos toda vez que passasse pela quina da cama. Lutie tentou visualizar como o cômodo ficaria e começou a imaginar por que já tinha decidido ficar com aquele quarto para ela.

Seria melhor dar o quarto para Bub, deixar que pela primeira vez tivesse um quarto de verdade só para ele. Não, não daria certo. No verão, ele cozinhará naquele quarto. Seria melhor que dormisse no sofá da sala, pelo menos assim poderia pegar um ar, pois lá havia uma janela, embora não muito grande.

Ela deu uma olhada na sala, tentando mais uma vez ver a janela para saber quanto ar entraria, quanta luz haveria para Bub estudar quando voltasse da escola, e para determinar, também, a quantidade de ar que entraria à noite quando ele estivesse dormindo de janela aberta todo encolhido no sofá-cama.

O zelador estava parado no meio da sala. Esperando por ela. Não foi algo que Lutie tenha precisado imaginar ou descobrir. E não foi de maneira alguma algo que ela tivesse conjurado do nada. Era um simples fato. Ele estava esperando por ela. Lutie sabia disso tanto quanto sabia que estava ali parada naquela pequena sala. O zelador segurava sua lanterna de forma que o feixe de luz batia nos pés dele. O efeito o transformou numa figura infinitamente alta. Sua espera silenciosa e sua aparência de altura incrível a assustaram.

Com a luz nos pés dele daquele jeito, parecia que o topo de sua cabeça batia em algum lugar no teto. Ele simplesmente subia e subia na escuridão. E o homem irradiava tanto desejo por Lutie que ela podia sentir. Ela disse a si mesma que era uma tola, uma idiota, que estava embriagada de medo, de cansaço e se roendo de preocupação. Mesmo quando pensou isso, o horror quente e sufocante do desejo dele por ela prendeu Lutie ali de maneira que ela não conseguia se mexer. Era um desejo ardente e doloroso que preenchia o apartamento, batia contra as paredes, agarrava-se aos braços dela.

Ela se forçou a ir em direção à cozinha. Quando Lutie passou por ele, pareceu-lhe que o homem realmente estendeu um longo braço em sua direção, o corpo dele oscilando de forma que seu tamanho exagerado quase roçou nela. Lutie não podia estar verdadeiramente certa disso, concluiu, e de maneira resoluta virou o feixe de luz da lanterna para as paredes da cozinha.

Não é possível ler a mente das pessoas, ela argumentou. Talvez o zelador nem estivesse pensando nela ali parado daquele jeito. Ele provavelmente queria descer as escadas e ler seu jornal. Não se iluda, ela pensou, pode ser que ele nem saiba ler, ou, se sabe, é provável que nem gaste o tempo dele com isso. Bem – ouvir rádio. Era isso, provavelmente o homem queria ouvir seu programa favorito e ela pensou que ele estivesse cheio de desejo a ponto de pular em cima dela. Lutie era tão ruim quanto a

avó dela. Isso prova que uma pessoa não pode ser criada por alguém como sua avó sem absorver muito daquele disparate que surgia do nada, por assim dizer, e quando menos se esperava. Todas aquelas histórias sobre coisas que as pessoas sentem antes de realmente acontecerem. Histórias que foram herdadas e passadas adiante tantas vezes que, se você tentasse traçar suas origens, poderia acabar parando Deus sabe onde – provavelmente na África. E sua avó tinha todas essas histórias na ponta da língua.

Mas querer ouvir um programa de rádio faria um homem ficar daquele jeito? Impaciente, ela se forçou a inspecionar a cozinha; primeiro lançou a luz numa parede, depois na outra. Não era melhor nem pior do que ela havia previsto. A pia era malcuidada; e o fogão a gás estava um pouco enferrujado. O cheiro fraco de gás que pairava por ali sugeria um vazamento lento e incurável em algum lugar nas ligações.

Espiando dentro do banheiro, ela viu que as instalações antigas caíam aos pedaços. Lutie pensou que o próprio Matusalém pode muito bem ter tomado seus banhos naquela banheira. Sem dúvida a banheira parecia suficientemente antiga, embora ele deva ter precisado lançar sua barba no corredor da entrada enquanto se lavava, pois o lugar era pequeno demais para que um homem com a barba tão comprida pudesse se virar ali. E porque não havia janela, ela supôs que a torneira devia servir de fonte para um ar bom, fresco e limpo.

A vantagem era que o aluguel não seria tão alto. E nem poderia ser, por um lugar como aquele. Entrada minúscula. Banheiro à direita, cozinha logo adiante; sala de estar à esquerda da entrada e você tinha de atravessar a sala para chegar ao quarto. O apartamento inteiro caberia perfeitamente em um cômodo de bom tamanho.

Ela estava consciente de que todos os pequenos cômodos tinham o mesmo cheiro. Era uma mistura que continha o fraco e persistente odor de gás, paredes velhas, gesso poeirento e, por cima disso tudo, o cheiro intenso e azedo de lixo – um cheiro que escapava do poço da lixeira. Ela começou a cantarolar baixinho sem perceber que estava fazendo isso. Era uma música antiga que sua avó costumava cantar. “Um pecador

como eu não tem lugar de paz/ Como eu/ Como eu.” O ritmo era agradável e repetitivo. “Como eu/ Como eu.” O cantarolar aumentou de volume enquanto ela ficava ali parada pensando no apartamento.

Um som estranho e abafado partiu do zelador na sala de estar. O barulho a assustou e ela quase derrubou a lanterna. “O que foi isso?”, Lutie perguntou com rispidez, pensando, Meu Deus, e se eu tivesse derrubado a lanterna, e se eu tivesse acabado aqui na escuridão desse banheiro minúsculo e ele tivesse apagado a lanterna dele. E se ele tivesse começado a vir até mim, se aproximando mais e mais no escuro. E se eu pudesse ouvir apenas os passos dele, sem poder ver o homem, mas pudesse ouvir ele se aproximando até que eu começasse a esticar os braços no escuro tentando afastar ele de mim, tentando evitar que ele me tocasse – e então – e então minhas mãos o encontrassem bem na minha frente... Com esse pensamento, ela segurou tão firme a lanterna que o longo feixe de luz começou a tremular e a dançar pelas paredes de maneira que as sombras se moveram – a sombra da luminária acima, a sombra da banheira, a sombra do próprio vão da porta – para a frente e para trás.

“Eu limpei a garganta”, o zelador disse. Sua voz tinha um som engasgado e antinatural, como se houvesse algo errado com a respiração dele.

Lutie foi até a entrada sem olhar para o homem; abriu a porta do apartamento e, atravessando a soleira ainda sem olhar para ele, disse: “Terminei de ver”.

O zelador saiu do apartamento e girou a chave na fechadura. Ele ficou de costas, de maneira que Lutie não poderia ver a expressão em seu rosto mesmo se estivesse olhando para ele. A fechadura encaixou sem resistência. Silenciosamente. Ela ficou ali imóvel, esperando que ele começasse a seguir pelo corredor na direção das escadas, pensando, Não, que Deus me ajude, ele não vai descer aquelas escadas atrás de mim.

Quando ele não se mexeu, ela disse: “Você primeiro”. Então ele fez um movimento ligeiro com sua lanterna na direção das escadas, indicando que ela devia ir na frente. Lutie balançou firmemente a cabeça.

“Acha que vai ficar com ele?”, o homem perguntou.

“Não sei ainda. Vou pensar enquanto descemos.”

Quando ele finalmente começou a andar pelo corredor, Lutie teve a impressão de que o homem estivera atrás dela por dias, semanas, meses, desejando que ela descesse as escadas primeiro. Lutie o seguiu, pensando, Não foi coisa da minha cabeça o que eu senti quando vi o homem ali parado na sala; se não fosse assim, por que ele viria com aquela conversa fiada de que eu devia descer as escadas na frente? Como os movimentos de uma dança; você primeiro; não, você primeiro; mas, veja, você vai estragar a ordem se não for primeiro; mas eu não vou na frente, você vai; não, você vai estragar a...

Lutie sabia que eles tinham subido as escadas mais rápido do que desciam. Ela iria ficar com o apartamento? Pela aparência do lugar, o preço não devia ser tão alto, e com alguns cuidados ela e Bub conseguiriam levar as coisas – com muitos, muitos cuidados. Uma tinta branca daria um jeito no interior; não resolveria de fato, mas deixaria o lugar menos deprimente, espantaria um pouco a escuridão.

Então ela pensou, Camadas e mais camadas de tinta não vão dar um jeito naquele apartamento. O lugar vai feder sempre; marcas de dedo e manchas antigas vão atravessar a pintura; o próprio cheiro da madeira acabaria vencendo a tinta. Limpar também não ajudaria. E tem esses corredores escuros e estreitos, os longos lances de escada, o zelador, aquela mulher no térreo.

Ou ela poderia continuar morando com o pai. E Lil. Bub aprenderia a apreciar o gosto do gim, aprenderia a fumar, na verdade aprenderia uma porção de outras coisas que Lil poderia ensinar a ele – coisas que Lil acharia divertido ensinar. Aos 8 anos, Bub poderia receber uma educação liberal de Lil, pois ela ficava em casa o dia inteiro e Bub chegava da escola um pouco depois das três.

Você pode escolher entre 1 metro de largura e 16 quilômetros de distância. Você pode se sentar e esperar o tempo passar, enquanto seu filho recebe uma educação gratuita da namorada desleixada do seu pai. Ou pode ficar com esse apartamento. Esse cavalheiro alto que responde como zelador do imóvel, de quem se espera que alugue apartamentos, acenda a caldeira e varra os corredores, supostamente não deve passar disso. Se

ele tentar incluir entre suas tarefas fazer amor com as locatárias, ora, estamos na cidade de Nova York, em 1944, o mato não cresce mais nas ruas e a polícia ainda funciona. Você certamente pode gritar bem alto, se o cavalheiro tiver planos malféficos para você e tentar pô-los em prática, um policial pode vir socorrê-la. É isso.

Quanto à senhora dos olhos de cobra, a intenção é alugar o apartamento no último andar e, se ela viesse com o apartamento, a placa lá na frente informaria isso. Três cômodos e uma encantadora de serpentes para inquilinos respeitáveis. Sem cobranças adicionais pela encantadora de serpentes. Uma vez que a placa não dizia nada disso, temos por certo que, se a encantadora de serpentes tentasse se mudar para o apartamento, ela poderia fazer algo – seja lá o que isso poderia significar.

Seus sapatos de salto estalavam enquanto Lutie descia as escadas, e ela pensou, Sim, é melhor andar desse jeito. Era ótimo pensar assim, sem preocupação, enganando-se – não havia, porém, outra forma de explicar o medo instintivo e imediato que ela sentiu quando viu o zelador pela primeira vez. Sua avó teria dito: “Nada além do mal, filha. Algumas pessoas têm tanto disso que dá pra sentir a coisa vindo até você – escorrendo da pele delas”.

Lutie não acreditava nessas coisas, mas ainda assim, olhando para aquela figura alta e abatida descendo o último lance de escada à sua frente, ela quase esperou ver chifres brotando atrás de suas orelhas; não ficaria muito surpresa se, no lugar de uma daquelas botas pesadas nos pés dele, houvesse um casco fendido tremendo e saltando conforme o homem avançava tão devagar pelas escadas.

Do lado de fora do apartamento dele, o zelador parou e se virou para ela.

“Quanto é o aluguel?”, Lutie perguntou sem olhar para ele, mas olhando além, para o 1A gravado na porta do apartamento. As letras douradas eram cheias de pequenas rachaduras, e ela pensou que em alguns anos não seriam mais distinguidas do marrom-escuro da porta. Lutie esperava que o aluguel fosse tão alto que ela não pudesse ficar com o apartamento.

“Vinte e nove e cinquenta.”

Ele quer que eu fique com o apartamento, Lutie pensou. Ele quer tanto que está a ponto de explodir. Lutie não precisava olhar para o homem para saber; ela podia sentir seu desejo. Que diferença isso faz para ele? Mas era de uma importância tão óbvia que, se ela hesitasse um pouco mais, ele começaria a tremer. Não, ela decidiu, aquele apartamento não. Então ela pensou que Bub ficaria uma graça aprendendo a beber gim aos 8 anos de idade.

“Vou ficar com ele”, Lutie disse soturnamente.

“Quer deixar um depósito?”, ele perguntou.

Ela assentiu, e o zelador abriu a porta, afastando-se para deixá-la passar. Uma luz fraca brilhava lá dentro, e ela viu que a pequena entrada levava a uma sala de estar. Sem esperar um convite, Lutie entrou na sala. O cachorro estava deitado perto do rádio embaixo de uma janela no outro lado do cômodo. Ele se levantou quando a viu e começou a andar em sua direção com a cabeça baixa e o rabo entre as pernas; andando como se irresistivelmente atraído para ela, apesar de saber que a qualquer momento seria forçado a parar. Embora fosse um pastor-alemão, seu pelo tinha uma aparência tão gasta e desbotada que o bicho mais parecia um lobo que um cachorro. Lutie reparou que ele era muito magro, suas ancas e os ossinhos das costelas nitidamente delineados contra a pele. Conforme se aproximava mais dela, o cachorro ficava mais agitado e Lutie podia ouvir sua respiração.

“Deita”, o zelador disse.

O cachorro voltou para a janela todo encolhido e andando de tal forma que Lutie pensou que, se fosse humano, estaria andando de costas para poder ver e ser capaz de se esquivar de qualquer golpe inesperado. O cachorro se deitou muito calmamente e olhou para Lutie, mas não conseguiu controlar a tremedeira do focinho; ele também olhou para o zelador como se estivesse se perguntando se havia a possibilidade de atravessar a sala e ir até ela sem ser visto.

O zelador sentou-se diante de uma escrivania velha, encontrou um bloco de recibos, pegou uma caneta-tinteiro e, dispendo cuidadosamente um mata-borrão diante dele, virou-se para ela e perguntou: “Nome?”.

Ela engoliu a risada. Havia algo tão solene na maneira como ele se sentou, segurando firme a caneta, endireitando o bloco num ângulo exato, abrindo um grande livro-razão cujas páginas estavam preenchidas, linha após linha, por uma escrita carregada de tinta, que ela pensou que o zelador estava agindo como um importante homem de negócios prestes a fechar uma grande transação.

“Sra. Lutie Johnson. Endereço atual na Seventh Avenue, 2.370.” Abrindo a bolsa, ela pegou uma nota de 10 dólares e entregou a ele. Dez dólares inteiros que ela levou umas boas semanas para economizar. Quando ela se mudasse e pagasse o saldo devido do aluguel, suas economias desapareceriam. Mas, para morar num lugar só dela, valeria a pena.

Ele escrevia com uma lentidão dolorosa, concentrando-se em cada letra, encontrando dificuldade com o número 2.370. Ele riscou o número e mordeu o lábio. “Qual era o número?”, ele perguntou.

“Dois mil trezentos e setenta”, ela repetiu, pensando que seria mais simples escrever o número para ele. Naquele ritmo, o homem levaria uns bons quinze minutos para escrever 10 dólares e então descobrir a diferença entre 10 e 29 dólares que, neste caso, constituiria aquela frase aparentemente inócua, “o saldo devido”. Ela não deveria estar zombando dele, era muito provável que o homem tivesse aprendido a ler e escrever sozinho depois de ter passado alguns anos na escola de gramática, onde sem dúvida não aprendeu nada. Ele parecia rondar os 50, mas era difícil dizer.

Ficar ali parada assistindo ao homem passar por aquele lento e doloroso processo de formar as letras a irritou. Lutie queria ir embora dali, voltar para a casa do pai, planejar a mudança, conseguir um carro. Ela olhou indiferente para a sala. O piso não tinha carpete – era um piso com uma aparência terrível. Irregular e lascado. Havia um sofá contra a longa parede, com o estofado do encosto manchado de gordura. Todas as pessoas que se sentaram nele devem ter descansado a cabeça naquele encosto, desde a época em que era novo até finalmente acabar ali.

Perto do sofá havia uma poltrona e Lutie suspendeu bruscamente a respiração quando olhou para lá, pois havia uma

mulher sentada ali, e Lutie tinha pensado que ela mesma, o cachorro e o zelador eram os únicos na sala. Como alguém conseguia se sentar em uma poltrona e sumir daquele jeito? Enquanto olhava, a pequena mulher escura e sem forma na poltrona se levantou e fez uma medida para Lutie sem dizer nada.

Lutie balançou a cabeça em sinal de reconhecimento à medida, pensando, Deve ser a mulher que eu ouvi sussurrando. A mulher voltou a se sentar na poltrona. Sumindo nela. Porque o vestido marrom-escuro que ela usava era quase do mesmo tom que o marrom-escuro do estofado e porque a poltrona a engolia a ponto de ser quase impossível distinguir a mulher da própria poltrona. E também por causa de certo acanhamento em sua maneira de sentar, como se ela estivesse tentando ocupar o mínimo espaço possível. Então, depois que a mulher fez a medida, Lutie se esqueceu completamente de que ela estava ali na sala quando se pôs a estudar sua mobília.

Nada de quadros, nada de tapetes, nada de jornais ou revistas, nada que sugerisse que alguém já tenha tentado fazer aquele lugar parecer acolhedor. Bom, não era bem assim, pois havia um canário encolhido em uma gaiola adornada no canto. Olhando para o canário, Lutie pensou, Tudo nesta sala se encolhe: o cachorro, a mulher, até o canário, com um olho só aberto, empoleirado numa perna. Do lado oposto ao sofá, uma mesa adornada com exagero brilhava de tanto verniz. Era uma mesa bem grande com intrincados pés em garra entalhados e, olhando para o móvel, ela pensou, Esse é o tipo de mobília grande e feia que as brancas adoram dar pras empregadas. Lutie se virou para olhar a mulher pequena e sem forma porque tinha quase certeza de que a mesa era dela.

A mulher devia estar olhando para ela, pois sorriu quando Lutie se virou; um sorriso banguela que permaneceu em seu rosto enquanto ela olhava de Lutie para a mesa.

“Quando quer mudar?”, o zelador perguntou, segurando o recibo.

“Hoje é terça – você acha que o lugar fica pronto na sexta?”

“Fácil”, ele disse. “Alguma cor especial?”

“Branco. Pode pintar todos os cômodos de branco”, ela disse, estudando o recibo. Sim, o zelador tinha feito a conta certa – saldo

devido: 19,50. Ele riscou sua primeira tentativa com os algarismos. Evidentemente, os nove eram difíceis para ele. E seu nome era William Jones. Um nome perfeitamente ordinário. Um nome altamente apropriado para um zelador. Simpático e normal. Fácil de lembrar. Fácil de soletrar. Só que o nome não combinava com ele. Pois o homem era obviamente incomum, extraordinário, anormal. Tudo nele era o exato oposto de seu nome. Ele estava se levantando agora, comendo-a com os olhos.

Lutie deu uma última olhada na sala. A mulher murmurante parecia estar segurando a respiração; o cachorro estava morto de vontade de rosar ou choramingar, pois sua garganta tremia. O canário também devia ser animado por alguma emoção desesperada, ela pensou, mas ele dormia sem emitir nenhum som. Então Lutie se forçou a encarar o zelador. Um olhar longo e duro, mau, fixo, contínuo. E pensou, Isso deve dar um jeito em você, sr. William Jones, mas, claro, se foi só coisa da minha cabeça lá em cima, não é justo olhar pra você desse jeito. Mas se algum instinto sombrio chamou minha atenção para o que se passava em sua cabeça – se esse instinto me fez saber que você estava me farejando, rastejando, babando atrás de mim como um cão dos infernos me perseguindo com a língua de fora, esse olhar, meu caro camarada, deve te fazer pensar bastante.

Lutie fechou a bolsa com um estalar agudo e definitivo, um som que fez os olhos do zelador se voltarem de súbito para o teto, como se estivesse procurando alguma imagem no gesso rachado. As orelhas do cachorro se ergueram em pontas afiadas; o canário abriu um olho e a mulher murmurante quase mostrou as gengivas mais uma vez, pois sua boca se curvou como se ela estivesse prestes a sorrir.

Lutie saiu depressa do apartamento, empurrou a porta da rua e tremeu quando o vento gelado a atingiu. Estava quente no apartamento do zelador, e ela parou um segundo para apertar a gola do casaco no pescoço, num esforço de criar uma barreira contra o vento uivante na rua lá fora. Agora que tinha esse apartamento, ela estava apenas um degrau acima na escada do sucesso. Com o apartamento, Bub teria melhores chances, pois estaria longe de Lil.

Dentro do prédio, o cachorro deixou escapar um ganido alto e estridente. Lutie saiu apressada para a rua, pensando que ele

devia ter sido chutado outra vez. Ela parou por um momento na esquina do prédio, preparando-se para toda aquela rajada de vento que a atingiria em cheio quando virasse a esquina.

“Tudo certo, querida?” a voz sonora da sra. Hedges perguntou da janela do térreo.

Lutie assentiu para a cabeça com lenço na janela e se atirou ao vento, acolhendo seu ataque, ciente de que os olhos frios e sem expressão da mulher mediam seu progresso pela rua.

2

Uma multidão se precipitava em direção ao expresso da Eighth Avenue na 59th Street. Acotovelando as costas dos outros passageiros, avançando e empurrando, as pessoas se lançavam para dentro dos vagões, abrindo espaço onde antes não havia espaço nenhum. Conforme o trem ganhava velocidade em sua longa corrida até a 125th Street, os passageiros iam se acalmando em seus mundinhos particulares, criando um espaço ilusório entre eles e seus companheiros de viagem. Eram mundos erigidos por trás de jornais e revistas, por trás de olhos fechados ou que estudavam os cartazes coloridos que ladeavam os vagões.

Lutie Johnson agarrou com mais força a alça lá em cima, seu corpo comprido e as longas pernas se balançando para a frente e para trás enquanto o trem sacolejava rumo ao seu destino. Como alguns dos outros passageiros, Lutie estava olhando para o anúncio bem à sua frente e, enquanto o estudava, foi absorvida pelos próprios pensamentos. Então ela também entrou em um mundinho particular, fazendo desaparecer aquelas pessoas tão espremidas ao seu redor.

Pois o anúncio para o qual olhava mostrava a imagem de uma garota com cabelos loiros incríveis. A garota se jogava para um homem sorridente de cabelos pretos em um uniforme da Marinha. Eles estavam diante de uma pia de cozinha – uma pia cuja superfície de porcelana branca brilhava, refletindo as luzes do trem. As torneiras pareciam ser de prata. O piso de linóleo da cozinha tinha uma padronagem em preto e branco novinha em folha que realçava o brilho do lugar. Janelas de caixilhos. Gerânios vermelhos em vasos amarelos.